

---

## **Enquadramentos noticiosos e matrizes ideológicas do racismo: uma análise da representação do Ministro Silvio Almeida, frente à recusa da réplica do feto<sup>1</sup>**

Abraão Filipe Marques de OLIVEIRA<sup>2</sup>

Maria Fernanda de Oliveira RUAS<sup>3</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, MG

### **RESUMO**

Neste artigo, buscamos compreender como a ideia de enquadramento pode ser operacionalizada, comunicacionalmente (MENDONÇA; SIMÕES, 2012), para elucidar a maneira em que aspectos ideológicos do racismo são acionados na cobertura midiática (ALMEIDA, 2020; BORGES, 2012). Em nossa análise, feita por meio da abordagem de conteúdo discursivo, observamos como o Ministro Silvio Almeida foi apresentado e localizado pelos discursos noticiosos, diante do caso de “tensão” entre ele e o senador Eduardo Girão, em abril de 2023. Ao comparar as molduras realizadas por portais jornalísticos, especificamente o UOL e Estado de Minas, identificamos posturas diferentes, que vão posicionar, discursivamente, a figura do ministro em quadros relacionados a imagens historicamente atribuídas ao homem negro (HOOKS, 2022).

**PALAVRAS-CHAVE:** enquadramento noticioso; racismo; Silvio Almeida.

### **1. Introdução**

Nos últimos anos, a pauta “pró-vida” tem ganhado protagonismos, junto à ascensão e ao fortalecimento da extrema direita no país (TEIXEIRA; BARBOSA, 2022). Com isso, na tentativa de promover articulações voltadas a essa causa, o senador Eduardo Girão e a ex-Ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e atual senadora Damares Alves, entregam uma réplica de um feto de 11 semanas a personalidades, escolhidas, convenientemente, por eles.

No dia 27 de abril de 2023, em uma audiência da Comissão de Direitos Humanos (CDH)<sup>4</sup>, sediada no Senado Federal, o atual Ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, foi abordado pela dupla. Frente à tentativa de entrega do feto, o representante recusou o objeto e se mostrou contrário à performance dos senadores.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e-mail: [abfilipe@gmail.com](mailto:abfilipe@gmail.com).

<sup>3</sup> Bacharela em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Mestranda em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG), bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), e-mail: [amaferuas@gmail.com](mailto:amaferuas@gmail.com).

<sup>4</sup> Disponível na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=cy-dnQ5AK9Y&t=5030>>. Acesso em: 10 jun.23.

---

Segundo ele, a atitude se tratava de uma exploração inaceitável de um problema grave de saúde coletiva, sendo aplaudido pela maior parte das mulheres presentes na sessão.

Frente ao ocorrido, um grande número de portais de notícias pautaram o acontecimento de forma alinhada a valores editoriais, construídos e alicerçados em uma estrutura social. Nessas disputas de narrativas, o Ministro Silvio Almeida (um homem negro retinto e um intelectual referência nos estudos raciais em contexto brasileiro) foi retratado de maneiras diversas – evidenciando lentes, acionadas por essas instituições e amplamente aceitas socialmente.

Assim, este estudo tem como objetivo compreender quais os quadros mobilizados pelos portais jornalísticos UOL e Estado de Minas com a recusa à réplica do feto oferecido pelos senadores Damares e Girão e como esses enquadramentos se relacionam com as matrizes ideológicas do racismo, em nosso país. Especificamente, buscamos investigar se a racialização do Ministro aparece nos ditos e não-ditos desses veículos, questionando: É possível identificar racismo nesses enquadramentos? Como Silvio de Almeida, foi abordado pelos portais tradicionais, em meio ao que aconteceu?

Diante disso, faremos uma discussão teórica sobre a noção de *enquadramento* – para, posteriormente, analisar a presença de valores culturais nos enunciados e construções jornalísticas, em especial ideologias que privilegiam perspectivas racistas. Em seguida, discutimos o trajeto metodológico, pela abordagem de conteúdo discursivo (MENDONÇA; SIMÕES, 2012); e, por fim, apresentamos os enquadramentos realizados pelos portais UOL e Estado de Minas, bem como as considerações finais.

## **2. Enquadramento: uma contribuição do pensamento de Bateson e Goffman para o campo comunicacional**

Segundo Ricardo Fabrino Mendonça e Paula Simões (2012), a noção de *enquadramento* (ou *enquadre*) procede, inicialmente, da obra de Gregory Bateson (2002 [1955]). Em sua primeira elaboração do conceito, o pensador inglês tenta distinguir, empiricamente, os três níveis básicos presentes na comunicação verbal humana (FRANÇA; SILVA; VAZ, 2015): denotativo, metalinguístico e metacomunicativo. Para ele, “todo *enquadre* é metacomunicativo e toda metacomunicação define um *enquadre*” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p.189). Ou seja, todo enquadramento vai dar condições de identificar a natureza daquela interação entre os participantes da situação (dizer sobre o que está acontecendo, num nível de abstração). Além disso, as mensagens delimitam/

---

constituem um enquadre que permite compreender não só o que está sendo proposto (definir o tipo de relação que está se delineando), mas também as regras/instruções implícitas que orientam, pragmaticamente, o envolvimento entre os interlocutores.

Em nosso campo científico, Mendonça e Simões (2012) apontam que, embora originada no contexto da psicoterapia, essa proposta de enquadres para compreender processos comunicativos é muito relevante, já que “em todo tipo de interação comunicacional expressam-se conteúdos, ao mesmo tempo em que se tematizam a própria linguagem e a relação entre os interlocutores” (p. 189). Nesse sentido, de acordo com França, Silva e Vaz (2015), “o uso do conceito de enquadramento vem crescendo nos estudos comunicacionais nos últimos anos e tem a matriz *goffmaniana* na sua origem” (p. 134, grifo nosso).

Inspirado principalmente em Bateson, ao lado de outras vertentes teóricas (como o pragmatismo, a fenomenologia e a etnometodologia), Erving Goffman (2012 [1974]) se apropria e trabalha essa ideia para evidenciar o fato de que o “quadro” (ou *frame*, para ele) diz de um agrupamento de sentidos culturais, a fim de organizar a experiência (MENDONÇA; SIMÕES, 2012). Logo, esses princípios de organização conformam os quadros, que permitem aos sujeitos definir a interação: um movimento feito pelos indivíduos assim que se inserem em uma situação, para, conseqüentemente, compreender qual posicionamento adotar perante ela.

A maneira como os acontecimentos são percebidos pode variar conforme os tipos de quadros são acionados nos eventos mais triviais e nas pequenas interações cotidianas pelos sujeitos: pois esses quadros “não são construções individuais e sim socioculturais. Eles subentendem certas convenções vigentes numa dada sociedade que os indivíduos mantêm, transformam, atualizam, em suas interações e relações sociais” (FRANÇA; SILVA; VAZ, 2015, p. 136). Além disso, o sociólogo canadense destaca que, na maior parte das situações, pode haver uma sobreposição de quadros, já que muitas coisas diferentes estão acontecendo ao mesmo tempo. Contudo, é “possível isolar alguns dos quadros básicos disponibilizados pela cultura, a fim de compreender a organização da experiência” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 190).

A noção de *footing*, proposta por ele, também é bastante importante de ser resgatada aqui, pois consiste, mais especificamente, na *postura* ou *posicionamento* dos interlocutores, ao se engajarem em determinada situação comunicativa. Portanto, uma

---

mudança de *footing* diz de um novo lugar situacional intersubjetivo dos sujeitos consigo mesmo e com os demais participantes envolvidos, a partir dos *frames/quadros*. Essas dinâmicas se dão sempre em interação, processualmente, numa dimensão coletiva, de valores socialmente partilhados.

O *footing* é construído e transformado a partir dos discursos dos participantes de uma interação e está diretamente ligado aos *enquadres* dos acontecimentos. [...] Assim, os *footings* e os *enquadramentos* são dinâmicos e discursivos e devem ser apreendidos e compreendidos a partir da situação em que a interlocução entre os sujeitos ocorre. (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 190)

Se, para Goffman, “os seres humanos são produzidos ao longo das situações” (MENDONÇA; SIMÕES, 2012, p. 199), falar dos *enquadramentos noticiosos* é falar de uma sociedade, de experiências culturalmente compartilhadas, de um quadro (ou vários quadros) de referência, que, desse modo, são atravessados – e (re)atualizados – pelas instituições jornalísticas, tal como discutiremos no subtópico seguinte.

## 2.1. Os enquadramentos noticiosos

Tanto Bateson, quanto Goffman estavam interessados em estudar as interações face a face; porém, muitos autores (MENDONÇA; SIMÕES, 2012; FRANÇA; SILVA; VAZ, 2015; ARAÚJO, 2017; PORTO, 2002) afirmam que o conceito de *enquadramento* tem sido densamente aplicado para analisar os discursos mediados pelos dispositivos midiáticos na interface entre política e sociedade, demonstrando como determinados quadros ganham visibilidade pela mídia e tensionam os processos sociais. Aqui, nos interessa pensar no contexto das práticas e produções jornalísticas, realizadas pelas instituições midiáticas. De acordo com o professor e pesquisador Julio Castro:

O jornalismo é um campo particularmente propício para uma abordagem em termos de enquadramento, [...] salientando o aspecto interdisciplinar da comunicação. [...] o enquadramento envolve selecionar e enfatizar certos elementos, trata-se certamente de algo essencial à atividade jornalística. A própria escolha do que é notícia ou não, na verdade, requer algum tipo de enquadramento. (CASTRO, 2015, p. 1)

Segundo Araújo (2017), uma das abordagens teóricas possíveis é a do agendamento, de Robert Entman – que destaca “o papel dos veículos de comunicação no processo do enquadramento da notícia, ao selecionarem alguns aspectos da realidade em detrimento de outros” (p. 7), por mecanismos de *seleção e saliência*.

[...] os profissionais da mídia, isto é, os comunicadores são responsáveis por “julgamentos” de enquadramentos presentes nas publicações. Para Entman,

---

esses profissionais fazem esses julgamentos de forma consciente ou inconsciente, sendo guiados por esquemas previamente estruturados, que podem ser definidos como quadros, por presença ou ausência de determinadas palavras-chave ou frases-base. (ARAÚJO, 2017, p. 7).

Por essa visada, podemos articular, na discussão, tanto a responsabilidade individual dos profissionais em comunicação<sup>5</sup>, quanto, acima de tudo, o papel das empresas jornalísticas nas escolhas editoriais, orientações ético-políticas e no acionamento dos quadros coletivos de sentidos, ao visibilizar determinados arranjos sociais e sublimar outros, não perdendo de vista o interesse comercial das mídias<sup>6</sup>.

No contexto brasileiro, é impossível não citar o estudo de Mauro Porto (2002), um dos primeiros a sintetizar os diversos caminhos teórico-metodológicos da discussão (em seus limites e possibilidades), a fim de refletir sobre os enquadramentos noticiosos a partir de produtos jornalísticos. Nessas abordagens, *enquadramento* parece estar mais relacionado ao ângulo de construção da notícia do que a definição da situação.

Dessa forma, esse gesto de “enquadrar” as situações interacionais aponta para o fato de que as representações jornalísticas podem ser compreendidas como lentes, que, inequivocamente, influenciam e são influenciadas pelas múltiplas maneiras como a realidade pode ser lida, construída, imaginada e, inclusive, disputada socialmente. Ademais, conforme vimos na discussão sobre enquadres (em perspectivas batesoniana e goffmaniana), esses quadros não se dão no vazio, pois, diante das situações comunicativas (na prática), alguns repertórios culturais prévios vão ser acionados e mobilizados (para fins também de orientação), seja para atualizar ou para conservar as diferenças, nos fluxos jornalísticos – mais especificamente nas possíveis tensões entre esses ambientes relacionais organizacionais com tais diferenças (MAFRA; MARQUES, 2019), como pretendemos desenvolver no tópico a seguir. Neste momento, entre as múltiplas matrizes culturais evidenciadas nos enquadramentos, é possível discutir como o *racismo* pode e tem se apresentado como *ideologia* constituinte das lentes de portais jornalísticos, com o intuito de evidenciar e, de certa forma, problematizar a presença dessa violência nas relações sociais brasileiras.

---

<sup>5</sup> Esse aspecto pode apontar para as discussões contemporâneas sobre lugar de fala (RIBEIRO, 2017; MOMBAÇA, 2021) e quais corpos/identidades ocupam os espaços de poder, na relação com temas como representatividade, visibilidades e dizibilidades, pensando no impacto na construção de narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas (HALL, 2016).

<sup>6</sup> Conforme afirma Mafra (2006, p. 48): “Com sua gramática própria, a mídia pode favorecer ou desfavorecer alguns temas, excluir ou incluir determinados acontecimentos, enquadrar e narrar os fatos à sua maneira, mesmo porque a visibilidade midiática é um processo determinado, em grande parte, pelos interesses da própria mídia – fato que justifica a sofisticação de processos de agendamento que buscam fazer com que causas sociais possam adentrar o espaço midiático”, sendo um desses o interesse comercial/mercadológico.

---

### 3. Raça, masculinidades e mídia

Frente à compreensão do racismo enquanto uma violência de caráter sistêmico, que se materializa por meio do tratamento discriminatório negativo atribuído a grupos marcados e violentados racialmente, este trabalho considera o impacto desse problema nas mais variadas esferas da sociedade, alcançando instâncias econômicas, políticas e subjetivas (ALMEIDA, 2020; CARNEIRO, 2005). Silvio Almeida (2020) argumenta que o racismo atua como um dispositivo constituído e reafirmado no cerne da estrutura social de países construídos sob lógicas coloniais. Assim, eles são moldados por um conjunto de políticas supremacistas, que estabelecem (e atualizam) modos de viver socialmente.

Ainda para o filósofo, compreender o racismo como um mecanismo estrutural é o mesmo que dizer que essa violência, na sua dimensão histórica e política, estabelece condições para que, de modo direto ou indireto, grupos raciais historicamente oprimidos sofram discriminação de maneira sistemática. Nesse sentido, para Almeida (2020), o racismo, ao atuar como uma ideologia, perpassa atores sociais (indivíduos brancos ou não) e a sua manifestação independe da intencionalidade das pessoas imbricadas a ele.

Nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade. Assim, uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede a formação de sua consciência e de seus afetos. (ALMEIDA, 2020, p. 43)

O pensador adiciona que as organizações são influenciadas pela estrutura que as precede. Assim, trazem também consigo disputas e conflitos de modo que as violências empenhadas nesses espaços dizem dessa configuração social. Nesse caminho, Moreira (2019) explica que o racismo institucional se manifesta por meio da implementação de ações que tiram direitos de grupos raciais, reforçando a desigualdade e perpetuando a marginalização. Logo, as instituições também podem ser entendidas enquanto agentes responsáveis pela reprodução e legitimação do racismo, ao passo em que, de forma sutil, utilizam de tal violência para a preservação da ordem social da sociedade em que está inserida (ALMEIDA, 2020).

Pensando a historiografia brasileira, a imagem de homens negros é atrelada a um lugar de animalização, de modo que esses indivíduos são taxados enquanto seres

---

violentos, são hipersexualizados e fixados em lugares de criminosos, em virtude do histórico escravocrata do país. No mesmo sentido, cabe aqui também apontar os efeitos do patriarcado sobre esses sujeitos (HOOKS, 2019; 2022), pensando interseccionalmente os efeitos do racismo. Assim, é importante a breve compreensão de onde surge essa ideologia que fixa homens negros nesses lugares.

De acordo com hooks (2022), a maneira na qual meninos negros são socializados, frente a violências como o racismo e a imposição do patriarcado, cria homens feridos, violentados e, com isso, ressentidos/silenciados. Com a abolição da escravidão e a tendência de mulheres negras a ocuparem lugares de subempregos minimamente formalizados (ações voltadas para os serviços domésticos e para o cuidados com as crianças), homens negros, que eram lidos como os “escravos selvagens”, acabaram enfrentando maiores dificuldades para encontrar meios de sobreviver e, ainda, de suprir às expectativas de proporcionar o mesmo aos seus.

Desse modo, hooks (2019) conta que o patriarcado é um sistema estabelecido antes das lógicas escravocratas. Então, frente ao sequestro de corpos negros para o território colonizado, havia também um outro sistema que, posteriormente, cobrou de homens negros, lidos como animais, posturas e performaces similares a de homens brancos, travando, assim, uma batalha injusta (e interna?) entre esses sujeitos. Não se pode esperar que homens negros alcancem os mesmos objetivos monetários que homens brancos, lidem com seus sentimentos e autocobrança da mesma forma que os Outros. Frente a essa expectativa e, claro, a essa frustração, é natural que meios alternativos de sustento fossem buscados pelos sujeitos negros, ainda mais, em um contexto pós-colonial – dada a ausência de políticas públicas nesse sentido. A partir disso, podem ser identificadas atitudes que representem a raiva, a revolta e a criminalidade, frente à escassez.

### **3.1. Atravessamentos entre racismo, instituições e mídia**

Partindo da compreensão de que as instituições de mídia (MAFRA, 2021) são habitadas por diversas organizações, de diversos segmentos, que carregam consigo variados valores sociais, cabe a este item refletir os modos nos quais esses espaços são atravessados pelo racismo e quais enquadramentos são acionados para feitura da representação de pessoas negras. Borges (2012) conta que há uma estrutura de

---

representação de pessoas negras, que, mesmo expressa na contemporaneidade, segue se filiando a imagens construídas anteriormente – em tempos em que o racismo individual (ALMEIDA, 2020) era legitimado legalmente, por exemplo. Para a autora,

Embora não sejam invariáveis (enquanto formas constituídas da sociedade), os estigmas são invariantes (enquanto estruturas constituintes da sociedade). No caso em tela, essa articulação vincula-se, remotamente, aos pilares do racismo, à dimensão corpórea como elemento distintivo entre um eu civilizado e o outro bárbaro [...]. (BORGES, 2012, p. 189)

Assim, conforme aponta a pesquisadora, frente ao passado/presente colonialista e eurocêntrico do país, os estigmas foram fornecidos, persistem e se repetem, perpetuando desigualdades e injustiças sociais a grupos historicamente discriminados.

Em sequência a esse raciocínio, Hall (2016) conta que a fundação de um estereótipo se apropria de poucas características sobre determinada pessoa (ou grupo) e, a partir disso, esse aspecto acerca de alguém é exagerado e, em seguida, tornado simples. Para o pensador, “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa “a diferença” (HALL, 2016, p. 190).

Desse modo, é possível compreender que ideologias, entre elas o racismo, estão presentes em instituições jornalísticas, frente ao fato de que essas organizações são constituídas por pessoas que convivem em uma estrutura social e, com isso, levam para esses espaços os conflitos que existem onde vivem e formam sua identidade.

Levando em consideração as funções de veículos de informação, bem como posicionamentos explicitados em linhas editoriais (ou na ausência delas), ideais surgem a fim de fazer a manutenção de ordenamentos, ao passo em que, paralelamente, reafirmam violências, como o racismo. A partir disso, considerando os atravessamentos que percorrem os sujeitos e portais que são responsáveis pela captura de um momento, é possível compreender o racismo como uma ideologia capaz de proporcionar ângulos e, assim, entendimentos, mesmo que não intencionalmente.

#### **4. Discussões metodológicas**

No que diz respeito à metodologia, toma-se como base Mendonça e Simões (2012), ao apontarem três abordagens de análise que operacionalizam o conceito de enquadramento para pesquisas no âmbito da comunicação: a *análise da situação interativa*; a *análise de conteúdo discursivo*; e a *análise de efeito estratégico*.



---

Conforme explicam, a primeira trata da análise de enquadramento com ênfase na situação interativa, concentrada no contexto e na busca por entender como mensagens metacomunicativas participam da sua definição, a partir da interação dos sujeitos, o engajamento e valores envolvidos nas mudanças de quadro.

Em seguida, os autores apresentam uma abordagem que está mais focada em analisar o conteúdo discursivo, explorando as molduras e saliências produzidas pelos enunciados, utilizando a noção de enquadramento para compreender como os textos estabelecem quadros que geram sentido, a partir de perspectivas específicas.

Por fim, a terceira vertente se dedica analisar os efeitos estratégicos produzidos pela adoção de determinados discursos; ou seja, nessa abordagem, os enquadramentos são vistos como estratégias de construção para gerar os efeitos desejados.

A partir disso, considerando que pretendemos analisar os elementos textuais discursivos dos enquadramentos e devido ao amplo emprego da segunda proposta em pesquisas no jornalismo (MENDONÇA; SIMÕES, 2012), utilizamos como abordagem metodológica a *análise de conteúdo discursivo* para identificar a presença (e ausência) de ideologias racistas nos enquadramentos acionados por portais jornalísticos e, ao mesmo tempo, compreender como esse aspecto foi mobilizado por tais agentes.

Para a escolha do *corpus*, inicialmente, elencamos expressões estratégicas para serem pesquisadas no Google Notícias, na tentativa de colher a maior diversidade de informações. Nesse momento, foram escolhidas palavras que acionam a presença dos protagonistas da cena e remetem a elementos fundamentais da situação: chegando nas expressões “Silvio Almeida”, “Girão” e “feto”. Em seguida, foram geradas 11 páginas de resultado de busca, com, ao todo, 110 notícias. Frente às limitações para construção deste artigo, marcamos as 30 primeiras matérias jornalísticas e, entre essas, fizemos uma primeira observação de caráter exploratório. Nesse recorte, chamaram nossa atenção dois conjuntos de matérias: um com 3 textos que utilizam a expressão “agressivo”, ao se referirem ao Ministro; e um outro com 2 matérias que utilizam, em seus títulos, a palavra “aplaudido”<sup>7</sup>. Então, utilizamos, como critério de seleção para o primeiro grupo, o seguinte aspecto: observamos que havia um conteúdo (originalmente do Estado de Minas) repetido por mais de um portal, o que nos sugere que aquele texto

---

<sup>7</sup> Vale mencionar que a “aparente” oposição apresentada entre os enunciados (nessa primeira leva de resultados dos mecanismos de busca), nos pareceu interessante para observar o tensionamento diante de nosso objetivo de pesquisa.

---

tenha tido maior circulação. Já no segundo grupo, ambas matérias eram do UOL, sendo uma com texto e vídeo e outra apenas em formato de vídeo; logo, optamos pela primeira, a fim de analisar os conteúdos textuais presentes.

Sendo assim, temos como *corpus* de pesquisa: o texto publicado pelo UOL Notícias, no dia 27 de abril de 2023, com o título “*Silvio Almeida é aplaudido após rejeitar 'feto' de Girão: 'Um escárnio'*”<sup>8</sup>, assim como um outro produzido pelo Estado de Minas, em 29 de abril de 2023, e que tem como título “*Silvio Almeida foi agressivo ao recusar réplica de feto, diz Girão*”<sup>9</sup>.

## 5. Análises

### 5.1. Matéria do UOL

Ao analisar os enquadramentos nessa publicação, nos interessa observar a maneira como o ministro Silvio Almeida foi apresentado por meio do discurso noticioso, a fim de evidenciar a presença ou não de ideologias racistas. É oportuno resgatar que, conforme elucidamos anteriormente, consideramos o racismo em sua dimensão estrutural e estruturante (ALMEIDA, 2020), ou seja, como uma ideologia relacional, de caráter sócio-cultural, que orienta fortemente o quadro de valores das relações brasileiras, atravessando todas as práticas e discursos – tanto pelos ditos, quanto pelos não-ditos; tanto pela ação, como pela omissão (CARNEIRO, 2005)<sup>10</sup>.

Dessa forma, a partir do referencial teórico-metodológico mobilizado, vamos apresentar alguns pontos identificados. De partida, tanto no título, quanto no primeiro parágrafo (*lead* da matéria), o portal faz a escolha de posicionar o ministro de Estado em primeiro plano, no lugar de sujeito das frases. Ao mesmo tempo, portanto, que secundariza o senador Girão (e sua iniciativa).

Além disso, no enunciado do título, percebemos que a segunda expressão verbal da frase também nos remete a esse ponto (“após rejeitar feto”) – numa escolha que, de certa forma, diminui o fato do ponto de partida da “discussão” ter sido a iniciativa primeira do senador Girão de tentar entregar o feto de plástico ao Silvio.

---

<sup>8</sup> Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/04/27/silvio-almeida-e-aplaudido-apos-rejeitar-feto-de-girao-um-escarnio.htm>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

<sup>9</sup> Disponível em:

<[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/29/interna\\_politica.1487562/silvio-almeida-foi-agressivo-ao-recusar-replica-de-feto-diz-girao.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2023/04/29/interna_politica.1487562/silvio-almeida-foi-agressivo-ao-recusar-replica-de-feto-diz-girao.shtml)>. Acesso em: 30 mai. 2023.

<sup>10</sup> O racismo, assim, se alia ao sexismo, heterossexismo, classicismo, capacitismo, entre outros marcadores de diferença, para produzir formas de opressão (AKOTIRENE, 2019).

---

Essa moldura nos lembra a elaboração de Hall (2016) sobre o quanto os homens e mulheres negras têm suas possibilidades de agência limitadas no contexto moderno-ocidental – um dispositivo (CARNEIRO, 2005) que é, sobretudo, atravessado pelas lógicas da representação: recaindo em visões estereotipadas sobre o corpo racializado de pessoas negras (BORGES, 2012) e fixando-as em lugar de *outridade* em relação à branquitude, nas possibilidades (tanto físicas, quanto simbólicas) de mobilidade social (CARNEIRO, 2005).

Logo, situá-lo nesse lugar de agente, de alguém com iniciativa e que, portanto, “rejeitou o feto de Girão” demonstra um posicionamento que se distancia dos estereótipos (HALL, 2016), fazendo com que a ação e a presença do senador (a saber, um homem branco) seja relativizada diante da reação do Ministro.

Ademais, ao dizer isso, consideramos que o posicionamento construído pelo portal para o parlamentar Girão não o desresponsabiliza pelo seu ato, pois não deixa de fazer menção à sua ação, ao mesmo tempo que resgata o fato de ter sido, de certa forma, “desaplaudido” também pelo público presente.

Conseqüentemente, o título localiza Silvio Almeida em figura de alguém que, em meio àquela tensão, recebeu os aplausos e foi celebrado por sua conduta. Essa não é uma representação comum a homens negros em nossa sociedade, como pontua hooks (2022, p. 33): “No centro do modo como a personalidade masculina negra é construída no patriarcado capitalista supremacista branco está a imagem do indomável, incivilizado, irracional e insensível”, numa vivência marcada por desumanização e forte associação à violência. Em determinado momento, a matéria diz: “*Parlamentares e outros presentes se levantaram para aclamar a negativa de Silvio*”. Portanto, analisamos que evidenciar o fato dele ser aplaudido de pé é uma forma de positivar sua figura e tudo que ele representa enquanto homem, negro, agente do Estado e intelectual.

Outro aspecto é o mecanismo de citar diretamente a fala de Silvio, ainda no título, entre aspas: “um escárnio”, colocando sua voz, sua própria leitura/interpretação da atitude empreendida por Girão e Damares. Esse movimento também é feito em outros momentos ao longo do corpo do texto – suas falas são citadas quatro vezes, enquanto as de Girão, apenas duas (somente no quarto parágrafo, há uma frase em que o senador passa a ser enunciado como sujeito da ação e ter sua fala direta registrada).

Sendo assim, esse conjunto de posturas nos faz constatar uma perspectiva antirracista por parte do jornal, considerando que os enquadramentos mobilizados (o *footing* construído para ele) vão posicionar Silvio Almeida num lugar de sujeito positivo – gesto que pode ser lido, eticamente, como contrário ao olhar dado pelas mídias hegemônicas às masculinidades negras (HOOKS, 2022).

## 5.2. Matéria do Estado de Minas

Buscamos, agora, identificar como o jornal Estado de Minas utiliza de uma entrevista cedida pelo senador Eduardo Girão, no dia 28 de abril de 2023<sup>11</sup>, para a construção de um texto discursivo que articula uma moldura de sentidos, a partir de determinadas perspectivas, para reforçar ou não estereótipos (HALL, 2016), acerca da existência de homens negros, frente a uma situação delicada e que tem forte clamor popular, como é a controvérsia sobre a descriminalização do aborto no país. Apesar da cobertura não ser primariamente sobre o exato momento do atrito entre o senador e o ministro, durante todo o texto, é feita menção ao acontecimento.



Conforme apresentamos no tópico 3, historicamente, a imagem de homens negros é atrelada a um lugar de animalização, de seres violentos, hiperssexualizados e criminosos (HOOKS, 2022). Com isso, endossados pelo que nos conta Hall (2016) sobre os estereótipos, é possível pensar acerca da leitura de homens negros como agressivos e uma ameaça, frente a uma mera discordância e pedido por respeito, tal como o caso em questão.

O senador Eduardo Girão (Novo-CE) disse que o ministro dos Direitos Humanos e Cidadania, Silvio Almeida, foi "agressivo" ao se recusar a receber uma réplica de feto.

"Ele (Almeida) se sentiu [constrangido]. Eu acho que ficou nervoso, eu considero que foi até um pouco agressivo.", disse Girão.

O parlamentar ainda alega que Silvio Almeida, por ser ministro, deve ser "tolerante a todas as linhas de pensamento". Ele ainda diz, sem levantar dados, que a "maioria do povo brasileiro é "pró-vida".

"A reação foi desproporcional, o que me mostrou uma grande intolerância à causa e que esse governo enganou os brasileiros, porque disse que era pró-vida, mas não é", disse o senador em entrevista ao programa "Jornal Jangadeiro".

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bp3B7P100Zw>>. Acesso em: 15 de mai. 2023.

---

Cabe lembrar que a recusa do ministro não diz de uma tentativa de silenciar o movimento pelo qual o senador está disposto a pautar, mas diz de um desalinhamento de interesses. Quando o enquadre do jornal supervaloriza a recusa do objeto e coloca Silvio Almeida como alguém “único” a recusar, nos faz questionar sobre humanização e o direito de homens negros se posicionarem. Isso é ainda mais grave quando é enquadrada apenas uma versão do que aconteceu, não mencionando outros pontos de vista e se apoiando apenas na fala de Girão.

Ainda de acordo com o parlamentar, ele sempre abraçou a pauta "pró-vida", isso é, contra o aborto, e já realizou o ato de entregar uma réplica de feto a diversas autoridades políticas, até mesmo ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). "Nunca aconteceu uma recusa dessa, porque é um símbolo mundial pró-vida."

"Esse bebezinho é o símbolo mundial pró-vida. Meu objetivo é que ele conhecesse um pouco mais a causa. Não agiu como ministro do Estado, agiu como militante da causa abortista", criticou o senador.

Moreira (2019) conta que a “construção do homem negro como um animal sexual implica que ele carece de capacidade racional, requisito básico para que uma pessoa possa desempenhar quaisquer atividades profissionais” (p. 56). Com isso, ao destaque, em sua moldura, uma fala que coloca o ministro no lugar de alguém que deixou de cumprir o seu papel de representante favorável à luta dos direitos humanos, por dizer “não” a um problema que mata mulheres negras e pobres<sup>12</sup>, inclina-se a reafirmar esse imaginário de incompetência tradicionalmente atribuído a esses homens.

## 6. Considerações Finais

Neste artigo, buscamos compreender como “enquadramento” pode ser um operador analítico importante, para elucidar a maneira em que aspectos ideológicos do racismo são acionados na cobertura midiática de instituições jornalísticas brasileiras. Em nossa análise dos enquadramentos, feita por meio da abordagem de conteúdo discursivo (MENDONÇA; SIMÕES, 2012), observamos a forma como o ministro Silvio Almeida foi apresentado e localizado pelos discursos noticiosos, diante do caso de “tensão” entre ele e o senador Eduardo Girão – episódio capaz de revelar possíveis quadros de sentido e valores que informam a construção realizada por portais jornalísticos, especificamente o UOL e Estado de Minas.

---

<sup>12</sup> Sobre isso, conferir:

<[https://criola.org.br/saude-publica-pesquisa-mostra-que-mulheres-negras-e-pobres-do-norte-e-do-nordeste-sao-as-que-mais-realizaram-aborto-por-repeticao/?doing\\_wp\\_cron=1692125522.8068559169769287109375](https://criola.org.br/saude-publica-pesquisa-mostra-que-mulheres-negras-e-pobres-do-norte-e-do-nordeste-sao-as-que-mais-realizaram-aborto-por-repeticao/?doing_wp_cron=1692125522.8068559169769287109375)>.

---

Ao comparar as molduras, identificamos posturas diferentes, que vão posicionar, discursivamente, a figura do ministro Silvio de Almeida, em quadros totalmente díspares: enquanto um, articula um conjunto de enunciados que aciona valores positivos a ele; o outro acaba por salientar imagens que o fixam em um lugar subalterno, historicamente atribuído ao homem negro.

Em relação a isso, a pensadora bell hooks (2022) nos afirma que

Vistos como animais, brutos, estupradores por natureza e assassinos, os homens negros não têm sua voz ouvida de verdade no que diz respeito à forma como são representados. Eles interferiram pouco no estereótipo. Como consequência, são vitimados por estigmatizações que foram articuladas no século XIX, mas que dominam a mente e o imaginário dos cidadãos desta nação até hoje. (p. 33)

É preciso tomar complexamente essa discussão, pois, conforme destacou Stuart Hall (2016), contestar um regime racializado de representação (através da inversão dos estereótipos e inclusão de imagens positivas) passa por romper e desafiar a lógica binarista – o que inclui, inevitavelmente, chamar à responsabilização os agentes da mídia, tal como propõe Sueli Carneiro (2019), em um movimento de reflexão política que sinaliza também passos históricos que têm sido dados nos meios de comunicação.

Portanto, nesses atravessamentos entre as instituições das mídias e a produção de significados nos valores culturais socialmente compartilhados (FRANÇA; SILVA; VAZ, 2015), fica uma série de possibilidades ainda a serem consideradas, tensionadas, estudadas e, acima de tudo, visibilizadas – no que tange ao papel das instituições da mídia na construção de enquadramentos que considerem, fundamentalmente, a humanidade das pessoas negras e suas pautas.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2019.

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *Racismo Estrutural*. São Paulo: Editora Jandira, 2020.

ARAÚJO, V. T. Contribuições da análise do enquadramento noticioso para as pesquisas em comunicação. **Temática**: Revista eletrônica de publicação mensal, v.13, p.1, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2017v13n5.34307>>. Acesso em: 13 jun. 23.

BATESON, Gregory. "Uma teoria sobre brincadeira e fantasia". In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). *Sociolinguística interacional*, 2. ed., São Paulo: Loyola, 2002 [1955].

BORGES, R. Mídia, racismos e representações do outro: ligeiras reflexões em torno da imagem da mulher negra. In: BORGES, R.; BORGES, R. (orgs.). *Mídia e racismo*. 2012, p. 178-203.

- 
- CARNEIRO, Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em Movimento: contribuições do feminismo negro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 271-289.
- CASTRO, J. C. L. *Mídia hegemônica, blogs progressistas e disputa de enquadramento*. Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2015.
- FRANÇA, V. V. SILVA, T.; VAZ, G. F. F. Enquadramento. In: FRANÇA, V. V.; MARTINS, B. G.; MENDES, A. M. (Orgs.). In: **Grupo de pesquisa em imagem e sociabilidade**: trajetória, conceitos e pesquisa em comunicação. Belo Horizonte: PPGCOM/UFMG, p.82-85, 2014.
- GOFFMAN, Erving. *Os quadros da experiência social*. Petrópolis: Editora Vozes. 2012 [1974].
- HALL, S. O Espetáculo do Outro. In: \_\_\_\_\_. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. Cap. II, p. 139-223.
- HOOKS, bell. *E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019.
- HOOKS, bell. *A gente é da hora: homens negros e masculinidade*. São Paulo: Editora Elefante, 2022.
- MAFRA, Rennan. As organizações modernas e o contemporâneo: notas para uma leitura comunicacional do presente. **Logos**, v. 28, n. 3, p. 89, 2021. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/62436>>. Acesso em: 01 jun. 2023.
- MAFRA, Rennan. *Entre o espetáculo, a festa e a argumentação: mídia, comunicação estratégica e mobilização social*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- MAFRA, Rennan; MARQUES, Ângela. *Organizações, modernidade e democracia na América Latina: diferenças desatualizadas e climas de estagnação*. XXVIII Encontro Anual da Compós, PUC do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, PUCRS, p. 1-20, 2019.
- MENDONÇA, R.; SIMÕES, P. G. Enquadramento: diferentes operacionalizações analíticas de um conceito. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, p. 187-201, 2012.
- MOMBAÇA, Jota. Notas estratégicas quanto aos usos políticos do conceito de lugar de fala. In: \_\_\_\_\_. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MOREIRA, Adilson. *Racismo recreativo*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- PORTO, Mauro. *Enquadramentos da Mídia e Política*. XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS, 26, 2002, Caxambu.
- RIBEIRO, Djamilia. *O que é lugar de fala?*. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; BARBOSA, Olivia Alves. A MULHER E A FAMÍLIA: AGENDAS PENTECOSTAIS NA DISPUTA PELA GRAMÁTICA DOS DIREITOS HUMANOS. **(SYN)THESIS (RIO DE JANEIRO)**, v. 15, p. 89-105, 2022.